REVISTA FEBASE
FEDERAÇÃO DO SECTOR FINANCEIRO

Ano IX
N.º 87
1,50 €

Mensal
novembro | 2018

Diretor: Delmiro Carreira
Diretores Adjuntos: Carlos Marques, Helena Carvalheiro, Mário Mourão, Rui Santos Alves e Tomaz Braz

Sindicato Nacional da Banca e Seguros

ASSEMBLEIAS GERAIS
ESPECIAL

Pág. | 8 | 21

Ficha Técnica

Propriedade:
Federação do Setor Financeiro
NIF 508618029

Correio eletrónico: revista.febase@gmail.com

Diretor:
Delmiro Carreira – SBSI

Diretores Adjuntos:
Carlos Marques – STAS
Helena Carvalheiro – SBC
Mário Mourão – SBN
Rui Santos Alves – SBSI
Tomaz Braz – SISEP

Conselho Editorial:
Eduardo Alves – SBC
Firmino Marques – SBN
João Ferreira – SBSI
Jorge Cordeiro – SISEP
Patrícia Caixinha – STAS

Editor:
Elsa Andrade

Redação, Edição e Produção:
Rua de S. José, 131
1169-046 Lisboa
Tels.: 213 216 090/062
Fax: 213 216 180

Revisão:
António Costa

Grafismo:
Ricardo Nogueira

Execução Gráfica e Impressão:
Xis e Érre, Lda.
xer@netcabo.pt
Rua José Afonso, 1 – 2.º Dto.
2810-237 Laranjeiro

Tiragem: 58.375 exemplares (sendo 5.375 enviados por correio eletrónico)

Periodicidade: Mensal
Depósito legal: 307762/10
Registado na ERC: 125 852

Estatuto Editorial
Consultável através do endereço: https://www.sbsi.pt/atividadesindical/informacao/publicacoes/Pages/estatutoeditorial_febase.aspx

A publicidade publicada e/ou inserta na Revista Febase é da total responsabilidade dos anunciantes

24 SBSI – Bancários do Sul e Ilhas

26 SBC – Bancários do Centro

28 STAS – Actividade Seguradora

CONTRATAÇÃO | Seguros
Febase apresenta proposta de revisão do ACT do setor... 4
... e da convenção do grupo AGES/Ocidental 5

CONTRATAÇÃO | Banca
BCP compromete-se a compensar valores retidos 6
ACT: Febase vai recorrer à conciliação 6

SINDICATO | Nacional
O estado a que chegámos 7

ESPECIAL ASSEMBLEIAS GERAIS
SBC 8
SBN 10
SBSI 14
STAS 18
SISEP 21

SINDICAL | UGT
Quarenta anos ao serviço dos trabalhadores 22

Rui Santos Alves

Acontece, contudo, que aquilo que devia ser elemento agregador de todos se transformou, lamentavelmente, num exercício de autofagia, cujas consequências poderão assumir contornos e danos irreparáveis

A quem interessa confundir os bancários?

Muito já se disse, já se escreveu ou se opinou sobre a eventual constituição de um Sindicato Nacional integrando os cinco Sindicatos que compõem a FEBASE. Desde o início da abordagem desta nova realidade, sempre foi percetível que a vontade e velocidade da sua implementação não era uniforme por parte de todos os atuais dirigentes sindicais o que, tendo em consideração a mudança profunda que causava a construção dessa nova estrutura, se afigurava como normal. A resistência à inovação e à mudança sempre fizeram parte da genética de alguns humanos!

Porém, neste caso concreto, o entendimento diferente que cada um possa ter, não pode – nem deve – contribuir para semear a dúvida e/ou a incerteza nos associados de cada Sindicato e, mais do que isso, difundir a ideia de que este processo está a ser conduzido de modo atabalhoado e precipitado. Não é despiciendo recordar que o projeto de estatutos deste eventual novo sindicato foi concertado, durante meses e meses, por representantes legitimamente mandatados pelas Direções dos respetivos Sindicatos.

Acontece, contudo, que aquilo que devia ser elemento agregador de todos se transformou, lamentavelmente, num exercício de autofagia, cujas consequências poderão assumir contornos e danos irreparáveis. Arrastar os associados de qualquer dos Sindicatos envolvidos para um mar de dúvidas sobre este novo projeto sindical, procurando desvirtuá-lo ou criando a imagem de que se trata duma irresponsável aventura configura, no mínimo, uma afronta à inteligência dos associados e serve, objetivamente, os nossos opositores, quer sejam os nossos concorrentes sindicais, quer sejam as entidades empregadoras. Convenhamos que, numa altura em que nos debatemos com o vergonhoso comportamento das Instituições de Crédito no que concerne ao aumento salarial, a transmissão destes sinais de divisão são uma excelente prenda para a quadra natalícia que se aproxima.

Fica, todavia, para memória futura, a constatação das contradições por alguns assumidas, bem como a confirmação de que o espírito regionalista muitas das vezes esconde o fervoroso apego aos poderes instalados.

No próximo dia 27 de novembro, a palavra caberá aos associados. Como sempre, a sua vontade será respeitada e, como é usual dizer-se, mais do que saber ganhar, é importante saber perder.

Naturalmente que podia utilizar este editorial para apelar ao voto "sim". Pese embora seja essa a minha opção, não seria correto aproveitar este espaço para o manifestar de forma veemente. Esta publicação é de todos os Sindicatos da Febase e não só do SBSI e, além disso, seria abrir, para o futuro, um grave precedente.

O que são "Chapas de Seguros"?

Em Portugal, chamamos "chapas de seguro" – do ramo incêndio e do ramo automóvel – às placas que durante muitos séculos foram fixadas ora nas frentes dos edifícios, ora nos para-choques e grelhas dos veículos, e que mostravam os emblemas das seguradoras

Texto | Vítor Alegria

As chapas de seguros de incêndio surgem em Inglaterra, posteriormente ao grande incêndio de 1666, que entre 2 e 5 de Setembro destruiu um terço da cidade de Londres. Por mera curiosidade, refira-se que o incêndio deflagrou na padaria Thomas Farynor, o padeiro do Rei Charles II.

Com a destruição de 13 mil casas, 87 igrejas e a catedral de S. Paulo, sem existência de seguro de incêndio, instalou-se o caos na capital britânica. Atualmente encontram-se assinalados, em Londres, os locais, onde deflagrou o incêndio com o "the monument" (https://www.themonument.info/), e o ponto onde terá sido extinguiu o incêndio "The golden Boy of Pye Corner" (https://www.atlasobscura.com/places/the-golden-boy-at-pye-corner-london-england).

Um médico, Dr. Nicholas Barbon, perante o infortúnio ocorrido decidiu criar uma empresa chamada Fire Office (1667), a fim de segurar o risco de fogo sobre imóveis. Seguiram-se outras seguradoras, nomeadamente a Sun Fire Office. Estava lançada a génese da moderna indústria de seguros.

IDENTIFICAÇÃO

A Fire Office (1667) criou as primeiras chapas de seguros de fogo (atualmente ramo incêndio). Estas peças de metal identificavam a seguradora e inclusive assinalavam o número da apólice. Eram oferecidas a quem contratasse o risco de fogo, sendo colocadas por cima da porta de entrada do acesso ao prédio seguro.

À época, não existiam corporações de bombeiros em Londres, pelo que cada seguradora inglesa contratava um conjunto de barqueiros (uma brigada), que na sua rotina diária faziam a travessia de pessoas e bens entre as duas margens do rio Tamisa. Em caso de incêndio, a companhia de seguros era identificada pela chapa de seguro e eram chamados os barqueiros pagos por aquela seguradora, para apagar o fogo.

Está encontrada a razão para surgirem as chapas, ou seja, identificarem a seguradora responsável pelo imóvel em chamas e chamar a brigada de barqueiros contratada pela companhia de seguros para extinguir o fogo. Com o surgir das corporações públicas de bombeiros mantêm-se as chapas de seguros, mas com fins publicitários.

Por todo o mundo são várias as seguradoras que adotaram a ideia da oferta da chapa de seguro de incêndio. Atualmente é raro mas possível ver em prédios muito antigos, em museus e coleções privadas várias destas peças emblemáticas da história do seguro.

PUBLICIDADE

Em Portugal, as chapas metálicas que se fixaram nos edifícios, desde o século XVIII até meados do século XX, foram a primeira manifestação publicitária das companhias de seguros. Em linha com a tradição inglesa, era feita a oferta de uma chapa de seguro, em caso de subscrição de uma apólice de seguro do ramo fogo.

Posteriormente, o seu uso estendeu-se ao ramo de seguro automóvel. Estas chapas são de pequena dimensão, com a imagem semelhante à aplicada nas de incêndio e eram fixadas na grelha frontal da viatura ou através de suporte fixado no para-choques. Portugal foi dos poucos países, na Europa, a adotar as chapas de seguro automóvel.

O desenho e os motivos das chapas são muito diversos e pretendiam refletir os valores de nobreza, grandeza, justiça, união, força, cooperação, protecionismo. Recorriam com muita frequência à iconografia greco-latina, através da representação de templos, frontões e figuras com os seus atributos. Faziam também uso de iconografias repletas de animais emblemáticos (a águia, o leão, o cão, etc.) e de animais místicos (a ave fénix). Também os emblemas de identificação nacional surgiam nas chapas de seguro de incêndio e automóvel.

FORMA E COR

Do ponto de vista formal recorriam a formas simples e fechadas. O formato mais utilizado era o retângulo, disposto horizontalmente, na maior parte dos casos, assemelhando-se às placas de indicação das ruas. Também eram utilizados os círculos, ovoides, alguns triângulos e outras formas compostas.

A cor nestas chapas era símbolo de grandeza e de representação dos valores institucionais. Valores que surgem das cores emblemáticas nacionais como o vermelho e o verde, a que se acrescentam as cores heráldicas, como o preto, dourado e prateado. Também aparecia com alguma frequência o azul e o branco.

Para a sua produção usaram diferentes materiais, mas as mais antigas são normalmente de chumbo. Nos começos do século XIX o material preferido era o cobre e posteriormente o ferro, o estanho e a folha-de-flandres.

MEMÓRIAS

E porquê o Clube CHAPAS? Atraídos pela memória do seguro e em especial pelo encanto das chapas de seguros, Vítor Alegria, em coautoria com José Pousinho Henriques, e com fotografia de Carlos Barata criaram, em 2008, o livro "CHAPAS – Heráldica das Seguradoras".

Vários foram os colegas da atividade que após conhecerem o livro lançaram aos autores o desafio de recolher as memórias materiais e imateriais do seguro e materializar um sonho muito antigo de todos os profissionais de seguros: um museu do seguro.

CLUBE CHAPAS

Nasce assim, em Lisboa, a 3 de março de 2011, a associação sem fins lucrativos CHAPAS – Clube História e Acervo Português da Actividade Seguradora, que se dedica a recolher, preservar e divulgar as memórias do seguro.

O Clube CHAPAS orgulha-se de possuir uma excelente coleção de chapas de seguro de incêndio, automóveis, agências e correspondentes – peças de nacionalidade portuguesa e estrangeira.

Para criação de um espaço "memória do seguro", o Clube CHAPAS apelou a todos os profissionais de seguros e familiares dos não sobrevivos que por doação entregassem ao Clube CHAPAS o seu espólio e recordações profissionais, com esse fim.

Desde fotos, apólices, peças em vidro, cerâmica e porcelana, carimbos e sinetes, cinzeiros, crachás, alfinetes de lapela, galhardetes, máquinas de escritório, taças e troféus, tarifas, relógios, reclamos, vinhetas, cartões de identidade de pessoal e de sinistrados, títulos de ação, recibos de prémio, condições contratuais… uma imensa diversidade de peças que se tornou numa coleção única de elementos da história das seguradoras que constituíram o mercado segurador em Portugal ao longo de séculos.

ESPAÇO EXPOSITIVO

Em janeiro de 2019, resultado de uma parceria entre o Clube CHAPAS e a APS - Associação Portuguesa de Seguradores vai ser inaugurado, nas instalações sede desta, em Lisboa, um espaço de exposição permanente sobre a história do seguro.

No início do próximo ano poderá, assim, visitar presencial e gratuitamente um vasto conhecimento sobre as memórias do seguros, visualizar documentos e outras peças originais da coleção do Clube CHAPAS, bem como por via digital e tecnológica toda uma narrativa de 725 anos do seguro em Portugal.

Entretanto poderá acompanhar-nos em www.clubechapas.pt ou na página de Facebook: chapas clube chapas.